





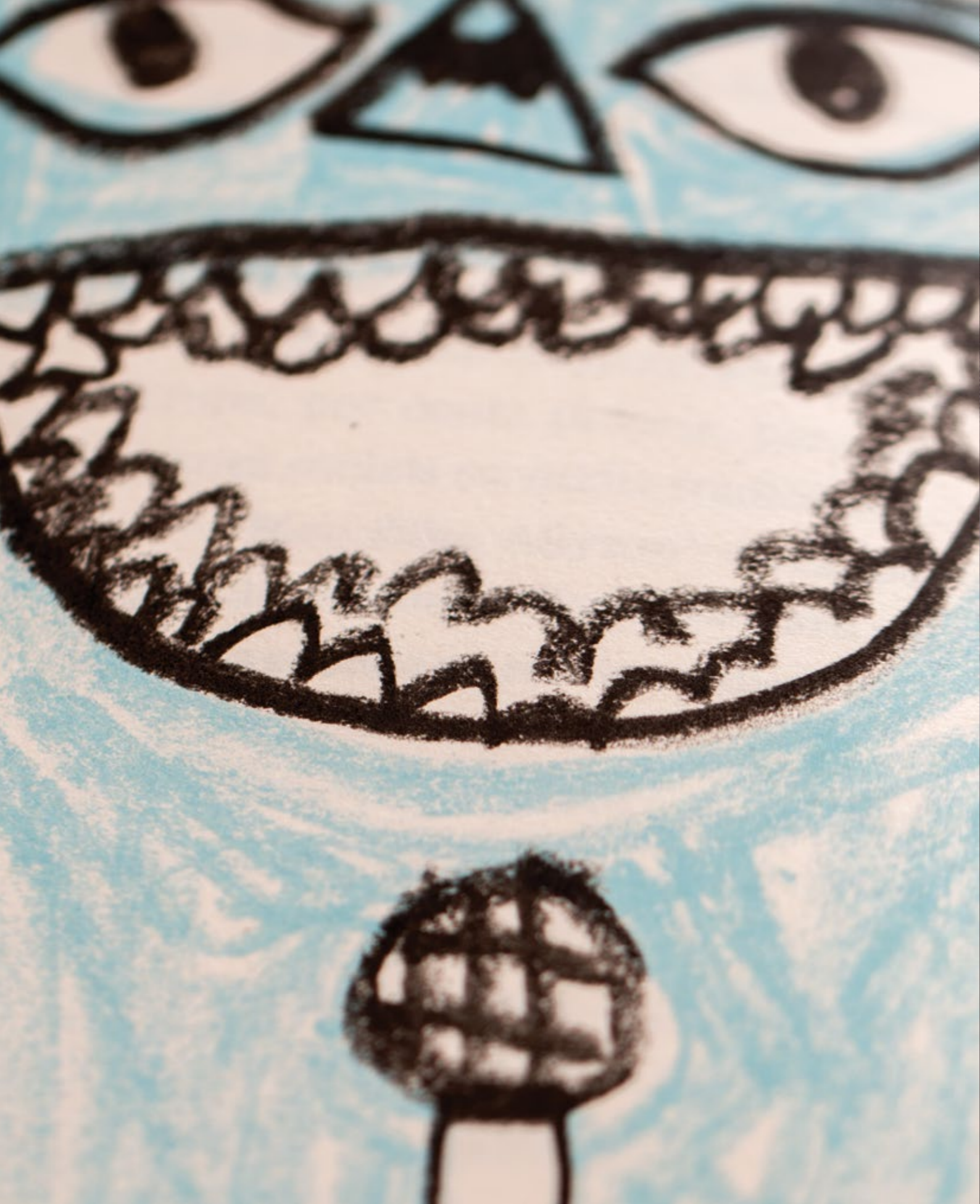
IM PERTI NEN TES

14 LIVROS
DE GUSTAVO
PIQUEIRA

2012-2018

publicações
BBM

 **wmfmartinsfontes**



“A descrição literária é devorada pelo mais reles desenho. Assim que um personagem é definido pelo lápis, perde seu caráter geral, aquela concordância com milhares de outros objetos conhecidos que leva o leitor a dizer ‘eu já vi isso’ ou ‘isso deve ser assim ou assado’. Uma mulher desenhada a lápis parece uma mulher, e só isso. A ideia, portanto, está encerrada, completa, e todas as palavras, então, se tornam inúteis, ao passo que uma mulher apresentada por escrito evoca milhares de mulheres diferentes. Por conseguinte, uma vez que se trata de uma questão de estética, eu formalmente rejeito todo tipo de ilustração.”

De fato, as diferenças entre as linguagens visual e verbal tornam impossível que a coexistência de ambas numa narrativa impressa ocorra de maneira impermeável. Muito mais do que algo restrito à troca de influência, à simples “contaminação” mútua, o processo resulta numa terceira coisa que, apesar de formada por texto e imagem, não é nem um nem outro.

Assim, a se levar em conta o extremo rigor com o qual Gustave Flaubert escreveu seus romances, a intransigência manifestada acima, sobre a não inclusão de imagens nas edições de suas obras, é bastante compreensível. *Madame Bovary*, *A Educação Sentimental* e *Bouvard e Pécuchet* são, para seu autor, livros constituídos por uma só linguagem: a verbal.

O conceito de que o texto reina soberano na página, contudo, foi pelos ares no decorrer dos cento e tantos anos que nos separam do francês, estilhaçado pelas mais variadas ocupações do território impresso que o período testemunhou. Porém, ao contrário do que faz supor a sentença, os ataques à norma estabelecida não

erradicaram a rigidez, mas multiplicaram-na em diversas subcategorias, cada qual estabelecendo seus próprios códigos e sua própria etiqueta: os livros ditos infantis, os livros de artista, as novelas gráficas, a literatura marginal, os fotolivros... Esses sistemas, mesmo quando já não precisavam atender às demandas responsáveis por sua constituição, sedimentaram-se como elementos simbólicos, essenciais à estrutura gramatical responsável por encaixar seus produtos nesta ou naquela gaveta.

Esta publicação — uma espécie de catálogo da exposição homônima ocorrida na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, na USP, entre 1º de outubro e 1º de dezembro de 2019 — apresenta catorze livros de minha autoria que, com diferentes graus de intensidade, buscaram borrar muitos dos limites existentes entre essas categorias. Abandonar o *instituído* e sair atrás do *instituinte*, através da exploração das mais variadas articulações entre texto e imagem, visual e material, industrial e artesanal, passado e presente, ficção e não ficção, além de quaisquer outros códigos e agentes que eu pudesse encontrar pela frente.

O recorte compreende o período em que essa espécie de “abertura radical” surgiu e se consolidou como a essência de minha produção. O percurso tem início com o primeiro livro no qual texto, imagem e materialidade foram pensados conjuntamente e prossegue em sequência cronológica, conforme o ano de execução de cada título (que, às vezes, não corresponde ao ano de lançamento), todos acompanhados de breves textos de apresentação cuja proposta não é a de estabelecer chaves interpretativas ou direcionar percepções, mas aglutinar peças díspares como pertencentes a um todo. Além de, se possível, despertar o interesse para a leitura dos livros em si.

São Paulo, agosto de 2019.



12

ICONOGRAFIA
PAULISTANA

24

CLICHÉS
BRASILEIROS

38

SEU AZUL

50

ODISSEIA DE HOMERO
(SEGUNDO JOÃO VÍTOR)

62

LORDE CREPTUM

72

MATEUS, MARCOS,
LUCAS E JOÃO

84

LULULUX

96

VALFRIDO?

108

OITO VIAGENS
AO BRASIL

122

DE NOVO

134

NOVE MESES

144

DESVIOS

154

AR
CONDICIONADO

168

BRASIL ZERO-ZERO

ICONOGRAFIA PAULISTANA

2012

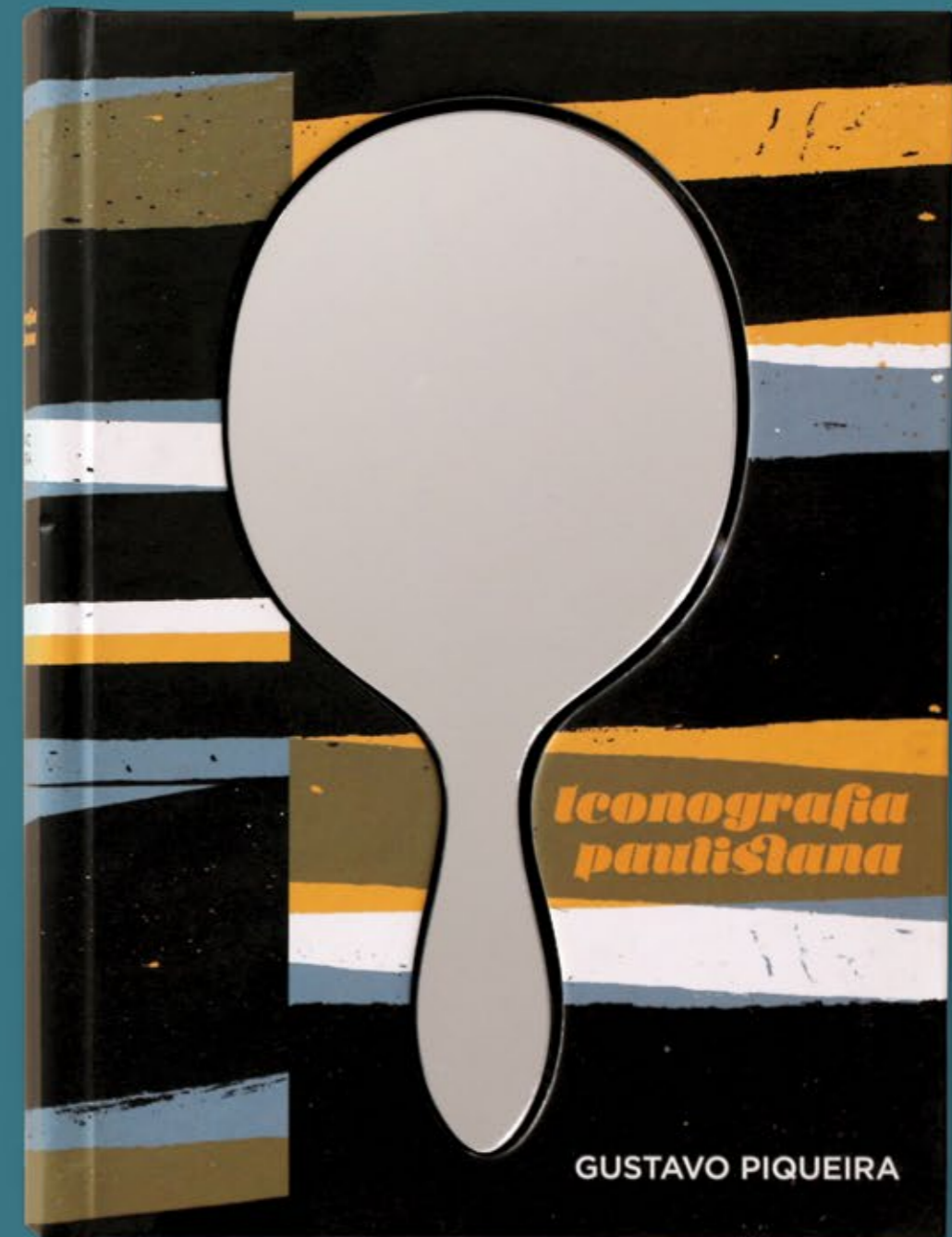
WMF Martins Fontes

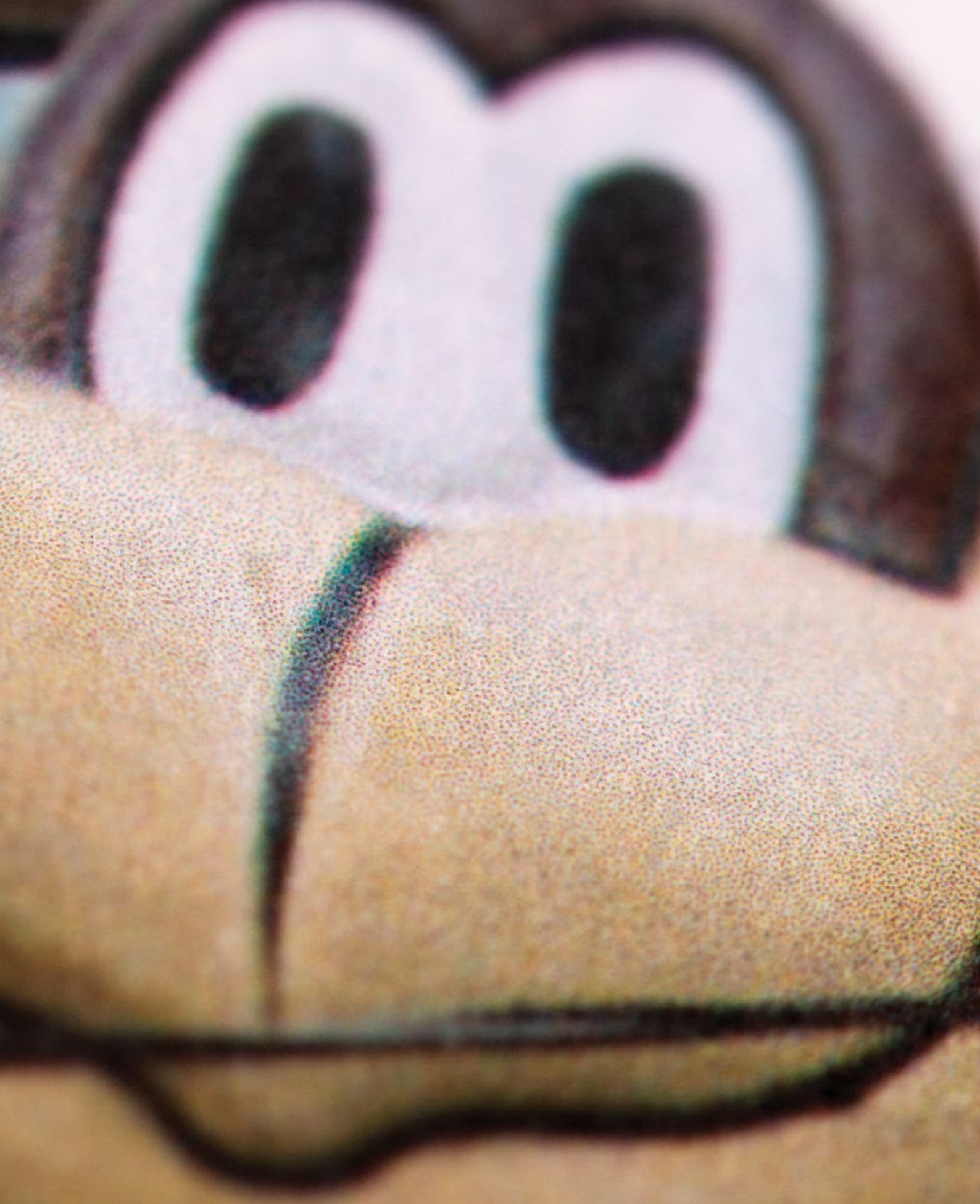
320 páginas

15 x 20 cm

Capa dura com espelho

Tiragem única de 1.000 exemplares



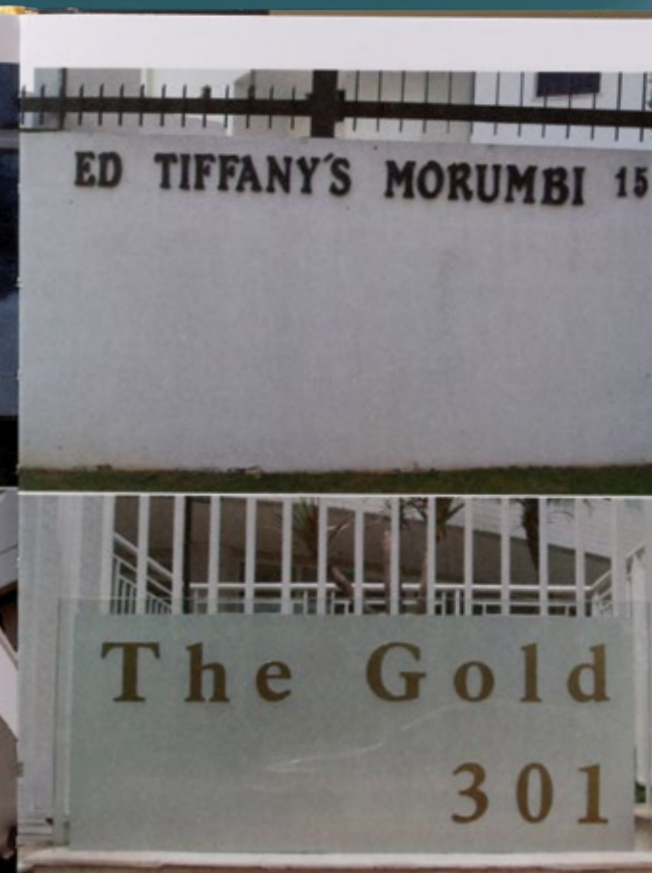
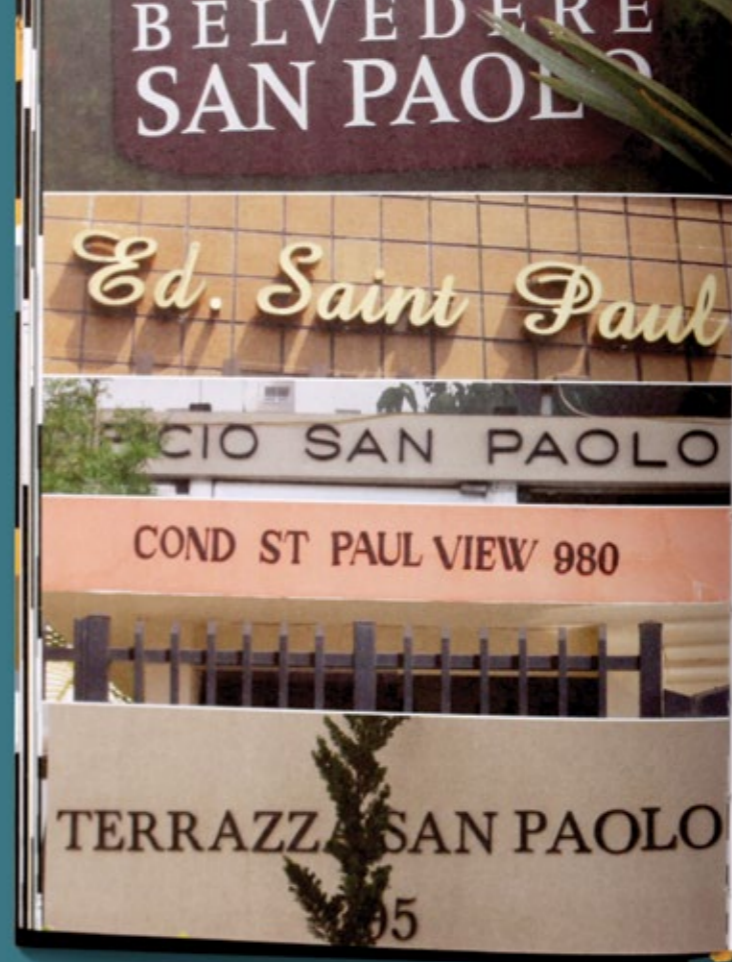
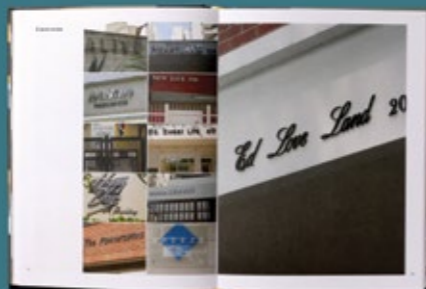


“COMPILADA A PARTIR DO EXTENSIVO LEVANTAMENTO DE MAIS DE 5.000 IMAGENS, ESTA ICONOGRAFIA PAULISTANA DESENHA UM FIEL RETRATO DA SÃO PAULO DE HOJE. SETE TÓPICOS RICAMENTE ILUSTRADOS, ACOMPANHADOS POR BRILHANTES ENSAIOS ESCRITOS POR ESPECIALISTAS QUE REVELARÃO...”

O início do texto de quarta capa ensaia uma austera descrição do conteúdo do livro para, logo em seguida, desmentir a si próprio, revelando tratar-se de uma obra essencialmente satírica: os “brilhantes ensaios” são redigidos por personagens fictícios e comentam sete recortes iconográficos nada charmosos, cada um deles vinculado a um assunto de aparente seriedade. Assim, “Espaço Urbano” traz uma centena de fotos de fachadas de prédios residenciais batizados com sofisticação caricata — *Châteaux, Palazzos, Villaggios* e similares —, enquanto “Biodiversidade” tenta achar pelas ruas de São Paulo a onça-parda, animal então escolhido pela prefeitura municipal como símbolo da cidade. “Arte” mostra o lado menos elaborado da chamada arte urbana; “Infância”, as mais berchantes fachadas de bufês infantis paulistanos e “Gastronomia”, os nomes de restaurantes japoneses que faziam trocadilhos entre seu significado e uma suposta grafia “japonesa”, como Taki Sushi, Nakasa, Nokyoski e Ten Temaki. “Cultura Underground” apresenta uma coleção de indecifráveis logotipos de bandas de Black Metal e, finalmente, “Avenida Paulista” lança um olhar menos grandiloquente sobre a avenida considerada símbolo de São Paulo, com imagens comentadas pelo menino Fefferson Souza.

Diante de tal elenco, impossível não deduzir que os textos eram ficções zombeteiras, não ensaios analíticos. Os personagens-autores, porém, não avacalhavam a cidade em si (como alguns paulistanos ofendidos reclamaram), mas sim a pose de cosmopolita que São Paulo tanto gosta de ostentar.

Por se tratar da primeira tentativa de desordenar o processo de concepção e feitura de um livro, a bagunça foi, compreensivelmente, tímida: limitou-se a alterar a regra de que um livro começa pela redação de seu texto. Assim, uma vez definidos os sete temas, saiu-se primeiro à caça das imagens e, apenas quando todo o conjunto iconográfico havia sido coletado e selecionado, os sete ensaios foram elaborados e redigidos.



Moradias paulistanas

por Flávio Gagliardi Neto*

*Arquiteto e urbanista. Doutor pela FAU-USP, instituição onde atualmente ministra disciplinas relacionadas à história das cidades e ao planejamento urbano.

“O vivente abole a separação entre ele próprio e a matéria trabalhada: a vida é uma ação sobre o meio, tal que o meio se torna vivente.” (KANT, 1788)



Sem moralismo, mas a montanha-russa ser o pinto do palhaço é meio agressivo. Bacana tentar derrubar tabus de sexualidade, só não precisava ser tão explícito.



Gabinete do Dr. Caligari, puta referência. Expressionismo alemão na veia.



Estética oitentista misturada a uma brasilidade patriótica. Restringe. Coisa de milico.



Fluxos: aqui.





Olha só, que criativo. É só trocar a letra "q" pelo "k" e pronto: virou japonês! Aqui, Aki. Para ajudar os mais lentinhos, a mão ainda indica: Sushi? Aqui! Ou melhor, aki! Gente, podem falar o que quiserem, mas em termos de criatividade ninguém ganha do brasileiro. Está no sangue!



A violência é um grande problema do mundo brasileiro. Na avenida Paulista, até a polícia se protege dos bandidos, instalando seu quiosque atrás das grades de segurança de um prédio. Assim, se ladrões quiserem assaltar a polícia, encontrarão dificuldades. Essas dificuldades farão com que demorem mais, dando tempo para a polícia chegar e prendê-los antes que roubem o quiosque da polícia.



Outra grande característica de lugares importantes é que, neles, encontramos as mais novas novidades. Novidade é tudo aquilo que em alguns anos estará em todos os cantos, mas que, por enquanto, só existe nos mais modernos. Na avenida Paulista, há uma construção que serve tanto como posto policial quanto como banco Itaú. Assim, nenhum ladrão de bancos vai chegar perto, porque a polícia já está por lá.



Esse ainda é mais divertido! Quer sushi? Tá aqui! Demais-demais!



Na avenida Paulista, é possível encontrar coisas de primeiro mundo. Quando se diz que uma coisa é "de primeiro mundo", significa que ela tem mais qualidade, pois é vendida nos Estados Unidos. Tanto as coisas de primeiro mundo daqui do Brasil quanto as dos Estados Unidos são fabricadas na China, mas, ao que parece, isso não importa. Nesta loja, podemos encontrar dois produtos de primeiro mundo à venda: um cofre digital em formato de máquina de cassino e um rádio dentro de uma bola de futebol.



Cinzeiros espalhados pela avenida mostram como o paulistano é um povo civilizado e bem-educado. Os donos dos cinzeiros usam um cadeado para evitar que ladrões abram o depósito na parte de baixo e roubem as bitucas, porque, hoje em dia, andam roubando até tampa de bucio, e todo cuidado é pouco.

Se não interfere diretamente no conteúdo interno, o espelho que ocupa a capa torna o design um elemento ativo na leitura — antes de avançar para a narrativa, todo leitor vê a si próprio refletido na capa (“essa cidade também é você, não tente se isentar nem apenas rir dos outros”). E, talvez mais importante do que sua adequação ao projeto, o modo como o espelho foi viabilizado abriu caminho para a construção de um processo que marcaria grande parte da produção subsequente: a mistura de técnicas industriais e artesanais.

Seria inviável, tanto por motivos financeiros quanto operacionais, que um livro como *Iconografia Paulistana* — mais de trezentas páginas e tiragem de mil exemplares — fosse produzido num sistema que não o industrial. Isso, porém, reduzia consideravelmente o leque de materiais e acabamentos disponíveis. Mas, em vez de suprimir a ideia original ou mesmo tentar simular o reflexo utilizando algum papel “espelhado” cujo resultado passaria longe da espontaneidade pretendida, optou-se por produzir o livro dentro dos parâmetros habituais de gráfica, solicitando apenas que toda a tiragem fosse entregue com um “buraco” na capa. Em paralelo, mil espelhos foram encomendados numa empresa de brindes corporativos nada glamourosa (mas muito barata). Com ambas as produções em mãos, em menos de um dia cada exemplar de *Iconografia Paulistana* ganhou seu espelho. E a busca por fornecedores e materiais não associados ao universo do livro — muitas vezes nem mesmo ao universo impresso — se tornaria uma constante.

Apesar do indisfarçável caráter ficcional dos “ensaístas”, a ficha catalográfica elaborada pela Câmara Brasileira do Livro registrava a obra como de “vários autores”. Já o “levantamento de mais de 5.000 imagens” do texto de quarta capa — número completamente chutado, pois não fazia sentido nenhum contar quantas fotos haviam de fato sido tiradas — tornou-se o grande gancho para a maioria das matérias que noticiaram o livro à época de seu lançamento. Ambos os episódios em nada alteraram a essência de *Iconografia Paulistana*, mas ajudaram a revelar como as possibilidades de subverter regras poderiam transcender os limites físicos do livro.



Satanás.



Achei esta promoção meio estranha. Primeiro, porque quinze reais por um chinelo de borracha não é barato. Segundo, porque o chinelo é da Portuguesa. Os comerciantes fazem isso às vezes para tentar enganar o consumidor. Falam que um produto está em promoção quando, na verdade, não está. Ninguém tem culpa se o dono da loja achou que alguém iria comprar um chinelo da Portuguesa. Era melhor ele assumir o erro e retirar a mercadoria do que tentar enganar os outros dizendo que estão em promoção para desencalhar o estoque.



Pelo que entendi, a placa pede para o paulistano sair mais às ruas, de carro (como dá para ver no canto inferior do desenho). Na rua, ele encontrará passarinhos, flores, ondas do mar e amor (os corações representam o amor, porque o amor não existe de um jeito real, como os passarinhos e as flores, por isso é preciso encontrar um símbolo que o represente, e o coração é o mais conhecido símbolo para o amor).



E, se é pra sair de carro, eu quero um carrão. Como o Passat. Banco de couro com aquecimento dianteiro, oito alto-falantes com conexão para iPod, piloto automático, sensores de chuva e estacionamento. Motor 2.0, seis marchas, injeção eletrônica multiponto e suspensão dianteira tipo McPherson.

CLICHÊS BRASILEIROS

2013

Ateliê Editorial

112 páginas

23 x 27 cm

Capa com lâmina de madeira afixada com fita adesiva;
lombada com costura aparente.

Tiragem única de 1.000 exemplares

